

Visuais Inaugurações:

# Arte concreta 50 anos depois

MAM e Dan Galeria apresentam amplas exposições a partir de mostra de 1956

Camila Molina

Foi trabalhosa, mas, curiosamente, até que foi rápida a preparação da mostra *Arte Concreta 56. A Raiz da Forma*, que será inaugurada hoje no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Imagine que para o desafio de reconstituir a emblemática *Exposição Nacional de Arte Concreta*, que ocorreu apenas entre os dias 8 e 12 de dezembro de 1956 no MAM de São Paulo - e depois, em fevereiro de 1957, no MAM do Rio, as únicas pistas oficiais eram apenas três fotografias de uma revista da época e alguns artigos de jornal.

Mas, indo mais fundo na pesquisa, encontrou-se na casa do artista Hermelindo Fiaminghi (1920-2004), um dos participantes da emblemática mostra que agora completa 50 anos, um conjunto de 18 imagens, textos e algumas descrições de obras presentes. Dessa maneira foi possível ir atrás da grande maioria das obras participantes - infelizmente, há ausências, como da tela *Triângulos em Espiral*, de Maurício Nogueira Lima, e da escultura com que Franz Weissmann foi premiado na Bienal de São Paulo de 1955 - mas a atual *Arte Concreta 56*, com curadoria de Lorenzo Mammì, não se encerra em ser apenas reconstituição "fiel quanto possível" da mostra realizada na década de 1950. Duas salas da Grande Sala do MAM são dedicadas à reconstituição e contextualização da mostra. Entre fotografias de época e obras dos artistas participantes, Mammì também colocou esculturas de Amílcar de Castro, que estava no convite original, mas acabou não mandando seus trabalhos para a exposição de 1956; colocou esculturas realizadas em outro período de Kazimir Féjer; e trabalho de Ivan Serpa, que participou da mostra no Rio, mas talvez não na de São Paulo. "German Lorca e Aldemar Manarini, fotógrafos, estavam na reportagem da época, mas não na lista original de participantes", diz o curador, que resolveu incluí-los. Além dessa reconstituição, Mammì criou ainda um segmento com obras produzidas logo depois do impacto da *Exposição Nacional de Arte Concreta*. "É a reação imediata dos artistas", diz o curador, que selecionou os *Metaesquemas* de Hélio Oiticica, trabalhos de Lygia Clark, Lygia Pape e Aluísio Carvão, entre outros. "Já os paulistas, por exemplo, começam a trabalhar os campos de cor", diz ainda ele, que

também cita uma "provocação": a inclusão de uma gravura de Iberê Camargo de 1957 com os famosos carretéis.

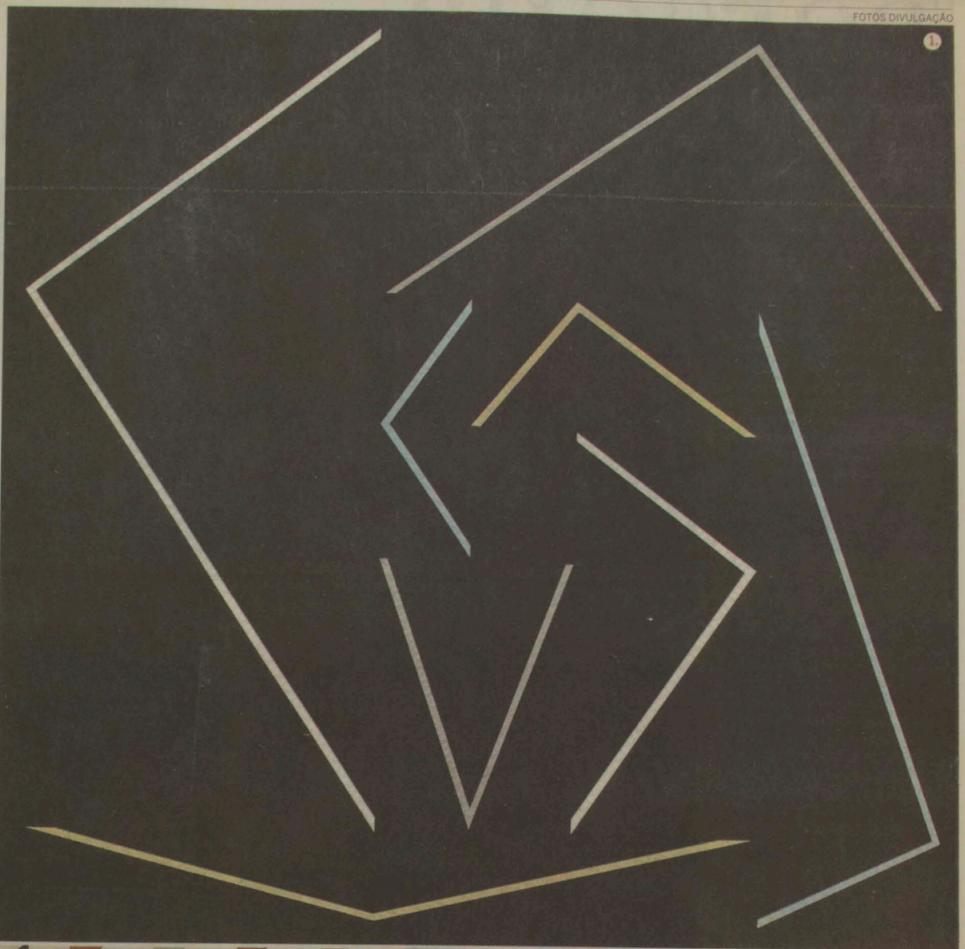
Mas *Arte Concreta 56* é feita também de um grande núcleo, com curadoria de André Stolarzski, dedicado à relação entre a arte concreta e o design, com peças produzidas entre 1948 e 1966 - o segmento ocupa toda a Sala Paulo Figueiredo do museu; e um núcleo dedicado à relação com a poesia, com curadoria de João Bandeira, entremeadado com a mostra de arte, assim como na exposição original. No sábado, às 16 horas, os curadores participam de uma mesa-redonda no museu.

O concretismo foi um projeto, que "surtiu como uma necessidade de definição, de revalores", como já definiu a historiadora Ana Maria Belluzzo para o *Estado*. Tanto em São Paulo (com o Grupo Ruptura) quanto no Rio (com o Grupo Frente) os artistas se embrenharam na linguagem geométrica para a construção de uma "teoria estética" em sintonia com as transformações do período: os artistas foram beber na fonte da racionalização e dos preceitos do construtivismo europeu de dé-

NO MUSEU, TODA UMA SALA É DEDICADA À RELAÇÃO ENTRE ARTE E DESIGN

cadadas anteriores num momento em que o Brasil passava por seu processo de modernização, urbanização e industrialização (década de 1950). "Mas o projeto concreto brasileiro era ingênuo e utópico, apesar de revolucionário para a época", como diz Mammì. "Os ideais sociais da Bauhaus e da escola de Ulm visavam a uma classe de trabalhadores industriais e pequenos funcionários já suficientemente integrada no tecido social, para que pudesse ser a destinatária de seus esforços de racionalização da vida cotidiana. Apesar da incipiente industrialização, no Brasil essa classe não existia - e talvez nunca tenha se formado plenamente até hoje. A arte concreta e a arquitetura brasileira não pressupunham uma sociedade industrial já consolidada, de certa maneira, a inauguravam", nas palavras do curador.

O projeto concreto não se engessou nas artes plásticas. Das telas e esculturas de raiz geométrica, a experimentação de uma



1. Obra de 1953 de Alexandre Wollner 2. *Triângulos com Movimento em Diagonal* (1956), de Fiaminghi 3. Cartaz feito por Mary Vieira, no segmento do design 4. Escultura da década de 1970, de Kazimir Féjer

nova linguagem seguiu-se também na música e na poesia concreta (dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari, Ferreira Gullar e Osmar Dilon, entre outros), como se pode ver na mostra. O concretismo até mesmo "caracterizou o gosto do brasileiro até hoje: andamos em calçadas com estética concreta, assim como usamos objetos e móveis dessa linha", diz Mammì. Assim, o design foi destacado de propósito. Artistas concretos adentraram o campo do design (Alexandre Wollner até mesmo passou a se dedicar somente a esse ramo) e, curiosamente, muitas de suas criações para o dia-a-dia persistem até hoje. "Eles inauguraram uma produção, uma consciência de design no Brasil", diz Stolarzski.

E vale também dizer que os 50 anos da *Exposição Nacional de Arte Concreta* inspirou outra exposição, *Arte Concreta e Neoconcreta - Da Construção à Desconstrução*, que será inaugurada no sábado na Dan Galeria. Os artistas das duas mostras se repetem, num interessante diálogo. Sem contar ainda a mostra do pintor concreto Arnaldo Ferrarini na Galeria Berenice Arvani. ●

Serviço

● **Arte Concreta 56 - A Raiz da Forma.** Museu de Arte Moderna, Avenida Pedro Álvares Cabral, s/n.º, Pq. do Ibirapuera, portão 3, 5549-9688. 3.ª a dom., 10 h às 18 h. R\$ 5,50 (dom. grátis). Até 3/12. Abertura hoje, 19h30  
● **Arte Concreta e Neoconcreta.** Dan Galeria, Rua Estados Unidos, 1.633, 3083-4600. 2.ª a 6.ª, 10 h às 19 h (sáb. até 13 h). Até 4/11. Abertura sábado

## Obra de Antonio Maluf será toda catalogada

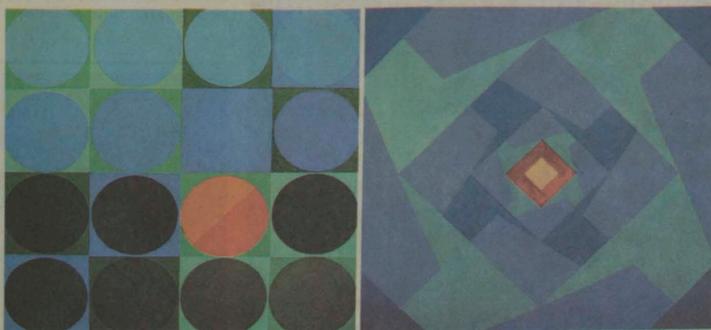
Produção do concretista paulista, que participa das duas mostras, passa por fase de levantamento

Antonio Maluf (1926-2005) é certamente sempre lembrado por ser o criador do cartaz da 1.ª Bienal de São Paulo, em 1951. Mas sua obra foi muito além disso. Maluf está presente tanto na exposição da Dan Galeria quanto na do Museu de Arte Moderna de São Paulo - e vale já destacar que toda a fachada de vidro do MAM está tomada pela reprodução de uma das padronagens criadas pelo artista para o Banco Noroeste, do início da década de 1960. O curador André Stolarzski destaca a relação de arte concreta e arquitetura e espaço urbano a partir de Maluf e de Athos Bulcão, que "trabalharam especificamente com mu-

rais, ativando planos arquitetônicos visivelmente inertes".

Essa é uma faceta. Mas há também no MAM um dos famosos padrões de Maluf para tecido da Rhodia. E há na Dan Galeria, além de outras obras, uma versão rara, em vermelho e azul, do cartaz da 1.ª Bienal de São Paulo, distintos exemplos da produção desse concretista paulista que não foi integrante do Grupo Ruptura. "Ele era um contemporâneo, mas sua obra foi simultânea", diz Thiago Maluf, um dos filhos do artista.

Thiago Maluf é advogado, mas dedica suas sextas-feiras aos projetos em torno de seu pai. O primeiro deles é a catalo-



INÉDITOS - Dois guaches sobre cartão encontrados há pouco tempo, ambos realizados na década de 1960

gação completa da obra de Antonio Maluf, empreendida coordenada pela pesquisadora Mayra Laudanna, que vai render uma ampla publicação e uma grande mostra, ambas sem data definida, mas provavelmente para o próximo ano. "Estamos na fase inicial, trabalhando há quatro meses", conta Thiago. Até agora já foram levantadas cerca de 730 obras do artista, entre acrílicos e desenhos (a maioria), cartazes e até esculturas (todas em pequena escala, da década de 1990, nunca comercializadas). "Muitas das obras eu não conhecia", diz Thiago, que indica o e-mail contato@galeriaseta.com.br para interessados.

E há ainda mais novidades. Para uma extensa exposição de arte latino-americana programada para março de 2007 no Museu Reina Sofia de Madri, Antonio Maluf foi escolhido o único representante do concretismo brasileiro. ● C.M.